

Press release

Grandes insolvências mais que duplicam na Europa no primeiro trimestre de 2017

- O volume de negócios acumulado das principais insolvências aumentou +34%, tendo alcançado os 19,1 mil milhões de Euros. O número de grandes empresas a abrirem insolvência na Europa mais do que duplicou no primeiro trimestre deste ano
- A acumulação de capital atingiu um novo recorde, com um total de 6,13 bilhões de Euros nos balanços financeiros das empresas no final de 2016
- Desde a crise financeira de 2008, o valor global do capital acumulado duplicou, alcançando quase 10% do PIB mundial
- Portugal apresenta um Prazo Médio de Pagamento (PMP) acima da média mundial, mas encontra-se entre os países que mais melhoraram o seu comportamento de pagamentos nos últimos dois anos

Lisboa, 7 de agosto 2017 – 74 empresas com um volume de negócios superior a 50 milhões de Euros apresentaram insolvência nos primeiros três meses do ano, mais 30 do que no primeiro trimestre de 2016 – é o que demonstra [o mais recente relatório macroeconómico](#) da Euler Hermes (EH), acionista da COSEC, líder mundial em seguro de créditos.

Após três anos de quedas significativas nas insolvências (-13,6% em 2014, -8,4% em 2015 e -4% em 2016), a situação de aparente equilíbrio global esconde tendências regionais muito discrepantes. O estudo prevê uma queda de -1% nas insolvências a nível mundial este ano, seguida de uma subida de 1% em 2018.

Mascarado nos números mundiais está o acentuado aumento das grandes insolvências no primeiro trimestre de 2017. O volume de negócios acumulado destas empresas insolventes alcançou os 1,9 mil milhões de Euros, mais +34%. As 20 maiores empresas representam 70% do total global de empresas com 13,4 mil milhões de Euros de volume de negócios acumulado. Embora oito destas se situem nos EUA, foi a Europa que observou o maior aumento no número de grandes insolvências. Mais de uma em cada três grandes insolvências do primeiro trimestre ocorreram na Europa.

Sob a pressão de uma rápida digitalização e seguindo a tendência dos últimos quatro trimestres, os setores dos serviços e retalho registaram o maior número de grandes insolvências neste primeiro trimestre: 17 (face a 10 no período homólogo em 2016) e 14 (face a 5). O volume de negócios acumulado destas empresas foi de 6,2 mil milhões de Euros (+579%) e de 5,2 mil milhões de Euros (+477%), respetivamente. Os setores farmacêutico e de telecomunicações mantiveram-se robustos, sem falências no primeiro trimestre de 2017, e apenas uma grande insolvência nos últimos quatro trimestres.

Acumulação de Capital recorde

A acumulação de capital atingiu um novo recorde no ano passado, com as empresas não financeiras a alcançarem os 6,1 bilhões de Euros em capital e equivalentes a capital nas folhas

de balanço de 2016. Com um aumento de +2,9% em comparação a 2015, e de +34% face a 2010, o capital acumulado mundial duplicou (de 3 biliões de Euros) desde a crise financeira de 2008. Representa agora 9,5% do PIB global, comparado com 6,1% em 2007.

A indústria da tecnologia continua forte, ultrapassando os setores automóvel e do petróleo. Esta tendência destaca-se especialmente nos EUA, onde o setor da tecnologia representa 71% do capital acumulado da indústria a nível global. Do total de 1,8 biliões de Euros acumulados pelos negócios americanos, 44% pertencem ao setor, nomeadamente às cinco maiores organizações: a Apple, a Microsoft, a Alphabet, a Cisco e a Oracle. No total, acumularam 494 mil milhões de Euros em capital no final de 2016 – mais do que o capital acumulado pelas empresas alemãs e britânicas juntas. Os setores da maquinaria & equipamentos e de artigos de lar, por outro lado, enfrentaram uma queda acentuada em 2016, de -243 mil milhões de Euros e de -91 mil milhões de Euros, respetivamente.

Com o crescimento económico mundial a gerar capital, os riscos e incertezas vigentes promoveram, e continuarão a promover, comportamentos de poupança. Por outro lado, a recuperação do investimento global e da atividade de M&A (fusões e aquisições) poderão, por outro lado, suavizar o ritmo da acumulação de capital. Outros desenvolvimentos também poderão afetar a situação. Por exemplo, a proposta de Donald Trump para reduzir o imposto aplicado ao repatriamento de lucros para os Estados Unidos poderá ter impacto se as empresas forem incentivadas a trazer largas somas de capital de volta à América. Enquanto a inversão da tendência para as *off-shores* poderá levar ao investimento na criação de emprego e na pesquisa e desenvolvimento nos EUA, as empresas sem rendimento poderão optar por continuar a acumulação.

Portugal: 69 dias de Prazo Médio de Pagamento

Num panorama de grandes insolvências e de acumulação de capital, é talvez inevitável que o comportamento de pagamento das empresas continue tenso. Em média, as empresas tiveram de esperar 64 dias até receberem os seus pagamentos em 2016, enquanto uma em cada quatro esperaram mais de 88 dias (dois dias mais cedo do que em 2015). 9% das empresas a nível mundial tiveram de esperar mais de 120 dias para serem pagas, no ano passado. De acordo com o estudo, espera-se que o indicador de Prazo Médio de Pagamento (PMP) se mantenha nos 64 dias em 2017.

Portugal apresenta um índice de PMP acima da média global, com um período de espera de aproximadamente 69 dias, embora demonstre uma tendência para diminuir, com uma queda de -15 dias em comparação com 2015. A Nova Zelândia, Áustria, Holanda, Dinamarca, EUA, Suíça e Austrália apresentaram os PMP mais baixos (42, 44, 46, 49, 49 e 50 dias, respetivamente), e no extremo oposto situam-se a Turquia, Itália, Grécia e China (80, 85, 88 e 89 dias respetivamente). A situação chinesa é a mais preocupante: o seu PMP de 89 dias é um novo máximo nos últimos nove anos. Na Europa Ocidental, o período médio de espera aumentou (+1 dia para 61 dias). O nível de PMP melhorou nos países mediterrâneos, onde geralmente se situava acima da média. A diferença entre os países com os melhores e piores índices parece estar a diminuir.

A nível global, os setores industriais como o dos químicos, construção, informação e comunicação, tecnologia e maquinaria enfrentam níveis de PMP acima da média global. O setor metalúrgico, por outro lado, apresenta um PMP de 56 dias. As empresas de setores com estabelecimentos retalhistas, tais como o alimentar, o dos artigos para o lar, ou o de transportes, geralmente recebem mais rapidamente do que a média mundial de 64 dias. A intensa atividade do setor aeronáutico elevou o seu índice de PMP e a sua necessidade de capital de exploração (WRC) desde 2012 (por +8 dias e +16 dias, respetivamente).

Para o desenvolvimento do relatório Economic Outlook - "[High Stakes Games](#)", o departamento de pesquisa da Euler Hermes mediu o capital acumulado de mais de 30.500 empresas listadas



na bolsa de 94 mercados, analisou os níveis de insolvência em 43 mercados e explorou o comportamento de pagamentos de um painel da Bloomberg que inclui 27.000 empresas registadas em todo o mundo.

Consulte o estudo completo em [High Stakes Game - Payment Behavior, Cash Piles and Major Insolvencies](#).

Sobre a COSEC

A COSEC é a seguradora líder em Portugal nos ramos do seguro de créditos e caução, oferecendo as melhores soluções para apoio à gestão e controlo de créditos, bem como garantias de seguro caução, sendo ainda responsável, por conta do Estado Português, pela cobertura e gestão dos riscos de crédito, caução e investimento para países de risco político. A COSEC é uma empresa de capitais privados divididos equitativamente pelo Banco BPI (www.bpi.pt), o quarto maior Banco Português, e pela Euler Hermes (www.eulerhermes.com), líder mundial em seguro de créditos.

Para saber mais informações consulte o site www.cosec.pt e acompanhe a COSEC no LinkedIn e Twitter: [@COSECSeguroCred](#)

Para mais informações:

LLORENTE & CUENCA | 21 923 97 00

Joana Carvalho Fernandes | jfernandes@llorenteycuenca.com

Mariana Roberto | mroberto@llorenteycuenca.com